

# AMADORES

SARA SHEPARD

Tradução de Regiane Winarski

**ROCCO**  
JOYENS LEITORES

# SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

ANTES

CINCO ANOS E QUATRO MESES DEPOIS

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

**NEVOU A NOITE TODA**, deixando o mundo transformado de manhã. Era uma neve cristalina, uma neve mágica, e criou um cobertor perfeito e uniforme que escondia tudo embaixo.

Aerin Kelly, de onze anos, desceu pelo pátio de três níveis, e as botas afundaram na substância fofa. Ela caiu para a frente e gargalhou, rolou de costas e olhou para o céu branco. Uma figura apareceu acima dela. Era sua irmã de dezessete anos, Helena, usando um sobretudo branco justo com gola de pele, botas de pele e um chapéu marrom. Seus olhos pareciam ainda mais azuis. O cabelo louro recentemente platinado e cortado curto emoldurava o rosto. Helena estava mais bonita do que nunca naquele dia, Aerin pensaria depois.

Aerin ficou de pé na hora que Helena virou o rosto para cima.

— Não é engraçado a neve ter um cheiro? — refletiu Helena.

— Acho que vai cair mais — disse Aerin ansiosa.

Helena passou a bota forrada de pele pela neve.

— Está com seu celular? Posso olhar a previsão do tempo?

— Você sempre perde o seu — disse Aerin com humor, e pegou o iPhone que tinha convencido a mãe a comprar no último verão para entregá-lo à irmã.

Helena segurou o aparelho entre as luvas vermelhas de couro, tirou as duas e clicou na tela.

— Mais quinze centímetros hoje. — Ela sorriu. — Nós devíamos fazer nosso boneco de neve inaugural *amanhã*, mas aposto que você vai passar o dia todo esquiando. Está a fim de fazer agora?

— Claro. — As garotas foram até o meio da enorme propriedade de mais de dois hectares onde faziam o primeiro boneco de neve da estação

todos os anos desde que eram pequenas. Helena começou a preparar uma bola de neve, o chapéu caindo nos olhos.

— Acho que esse ano devia ser uma *boneca* de neve — decidiu Helena.  
— Com dois peitões.

— E uma bunda redondinha — acrescentou Aerin, ainda sem fôlego.  
Helena deu um sorrisinho.

— E quem sabe uma vagina. Toda correta anatomicamente.

Aerin riu. Mas o que ela queria mesmo fazer era passar os braços em volta da irmã. Helena estava agindo como se não fosse nada de mais, mas era estranho elas estarem passando tempo juntas de novo. Rindo.

Houve uma época em que Helena e Aerin foram inseparáveis. Elas faziam barracas de cobertor e contavam histórias de terror. Sonhavam com uniformes novos e melhores para sugerir à Windemere-Carruthers, a escola particular onde estudavam em Dexby, Connecticut. Inventavam novos sabores de sorvete, como morango com pimenta jalapenho, para a mãe fazer na máquina de sorvete, sabores malucos que as duas admitiam que *nunca* iriam experimentar.

Mas, no começo do último verão, Helena... mudou. Passou a ficar enfiada no quarto, cortou o cabelo comprido de sempre e parou de falar com a família, inclusive Aerin. “Ela é adolescente”, disse a mãe delas distraidamente para Aerin. “Está com o primeiro namorado. Ela precisa de espaço para entender tudo.”

Mas Aerin precisava dela mais do que nunca. Os pais, que sempre pareceram tão apaixonados, estavam brigando sem parar. Aerin sabia que Helena também ouvia as brigas pelas paredes finas do quarto, mas sempre que tentava falar com ela sobre isso, Helena mudava de assunto.

Mas agora Helena estava empilhando neve para o tronco da boneca, sorrindo como se as coisas estivessem normais. Até começou a tagarelar que Aerin devia entrar na equipe júnior de esqui, pois era muito talentosa. De repente, Aerin disse:

— Kevin não quis fazer um boneco de neve?

Helena parou e olhou para ela.

— Eu não perguntei se ele queria.

— Vocês, tipo, estão fazendo? — perguntou Aerin rapidamente.

Helena franziu a testa.

— *Fazendo?*



Aerin achava que perguntar faria com que parecesse mais velha, o tipo de garota com quem a irmã ainda ia querer passar tempo. Helena provavelmente entraria em casa e bateria a porta do quarto, e seria o fim de tudo.

Mas Helena segurou o ombro de Aerin da mesma forma como fazia nas aulas de natação quando Aerin saía da água depois de ser a última. O gesto era tão carinhoso e familiar que Aerin sentiu uma onda de lágrimas.

— É que eu sinto *saudades*.

Helena apertou com mais força.

— Vamos conversar mais. Mas... algumas coisas vão ter que ser discutidas por debaixo dos panos.

Aerin piscou sem entender.

— Hã?

— Pelo celular.

— Tipo... mensagens de texto?

Helena olhou para ela como se quisesse dizer mais alguma coisa, mas inclinou a cabeça na direção do bosque, como se tivesse ouvido alguma coisa. Aerin acompanhou seu olhar, mas só viu as mesmas árvores que sempre estiveram lá. Quando olhou para Helena de novo, a irmã estava pegando uma bola de neve e jogando na cabeça de Aerin. Ela gritou.

— Vamos procurar gravetos para os braços — disse Helena. — Estou ficando congelada.

Elas fizeram a cabeça e deram formato ao cabelo. Conversaram sobre ter um novo cachorrinho. Aerin votou por um Golden; ela achava que o nome poderia ser Sucrilhos.

— É um bom nome — disse Helena suavemente.

Aerin ergueu o rosto, ainda mais intrigada. Era um nome idiota e as duas sabiam. Por que Helena estava sendo tão legal? Ela ficou com vergonha. E se sua irmã soubesse de alguma coisa sobre os pais que Aerin não sabia, tipo que eles iam se separar? Aerin não sabia se estava pronta para essa conversa.

Mas Helena não disse nada sobre isso e logo a boneca de neve estava pronta. As duas garotas recuaram alguns passos. Aerin sorriu ao ver o resultado do trabalho delas.

— É a nossa melhor até agora.

Quando olhou para Helena, a cabeça da irmã estava virada para o

bosque novamente.

— É mesmo — disse ela baixinho. Por um momento, fez cara de que ia chorar, mas olhou para a boneca de neve e sorriu com alegria. — Ela precisa de mais alguma coisa, você não acha?

— Como o quê?

— Como... — Helena levou a mão à boca. — Uma bolsa, talvez. Achei uma marrom de vinil no Goodwill uns dias atrás. Está na minha cama. Quer ir buscar?

Aerin tinha certeza de que tinha escutado errado. O quarto de Helena era proibido. Podia ser algum tipo de teste?

— T-tudo bem.

Aerin abriu a porta de correr e seguiu pela sala, deixando marcas molhadas no tapete trançado à mão. A casa estava silenciosa, os pais tinham saído. Ela sorriu para seu reflexo no espelho enorme do corredor. Tinha o mesmo cabelo louro de Helena, mas suas feições eram mais irregulares, seus ombros mais largos. Seu rosto mais masculino. Ainda assim, era claro que elas eram irmãs.

Talvez elas comessem pizza mais tarde. Talvez Helena a levasse para algum lugar no Fusca dela. Talvez elas pensassem em alguma forma de fazer os pais pararem de brigar.

A porta do quarto de Helena estava fechada. Aerin girou a maçaneta. Lá dentro, sentiu cheiro de óleo de patchouli e jasmim, aromas embriagantes que pareciam misteriosos e adultos. Ela observou a escrivaninha cheia de materiais de arte, os pôsteres de bandas das quais nunca tinha ouvido falar, um iPhone sobre uma almofada em formato de coração na cama, a bolsa marrom de vinil. As portas do armário de Helena estavam abertas, revelando as roupas chamativas que ela vinha usando ultimamente: penas e seda, estampas de espirais e franjas. O olhar de Aerin foi até a mesa de cabeceira. Havia uma garça feita de dobradura em papel vermelho brilhante, ereta como uma sentinela.

Um tremor percorreu seu corpo. A garça parecia estar olhando para ela.

Ela chegou mais perto e tocou na asa. Um diário com capa de pano estava ao lado da garça. Aerin levantou a capa e olhou para o nome da irmã escrito na primeira página com a caligrafia floreada.

Houve um estalo, e Aerin enrijeceu. Pegou a bolsa na cama de Helena,

pendurou no cotovelo e correu para o corredor. A cozinha enorme ainda estava vazia. Ela espiou os fundos da casa. Helena tinha sumido. A boneca de neve ainda estava lá, os braços esticados, no meio do quintal.

— Helena? — chamou Aerin, dando alguns passos adiante no pátio.

Uma ave gritou em um galho alto. O vento tinha parado. O quintal era um quadrado branco, aberto e solitário.

— Helena! — gritou Aerin de novo, descendo os degraus. — Cadê você?

Sua voz ecoou no ar parado. Seu coração estava disparado. *Ela foi embora porque eu xeretei.*

Ela correu até a frente da casa. O carro de Helena estava parado na entrada da garagem. Não tinha ninguém no banco do motorista. Aerin se lembrou do celular de Helena ainda dentro de casa. Sua irmã nunca sairia de casa sem ele.

Alguma coisa se moveu onde começavam as árvores, e Aerin se virou.

— Helena?

Ela reparou em uma coisa na neve. As frutas silvestres caídas dos arbustos que contornavam os fundos da propriedade pareciam sangue manchado sobre o branco. No meio delas, Aerin quase não viu as luvas vermelhas de couro que Helena estava usando na neve logo ao lado das frutas, as palmas viradas para cima.

Aerin correu até elas, o coração disparado.

— Helena? — gritou ela. — *Helena!*

Helena nunca mais responderia.

**CINCO ANOS E  
QUATRO MESES  
DEPOIS**



**Bem-vindo ao CASO NÃO ENCERRADO, a comunidade nº 1 de casos arquivados da internet**

FÓRUM DE DISCUSSÃO

PASTA: CASOS ATUAIS

NOVO TÍTULO DE DISCUSSÃO: HELENA KELLY, DEXBY, CT

Postagens: (1) 14 de abril, 21h02

---

**AKellyReal:** Preciso de respostas sobre minha irmã. Me ajudem...



**NA NOITE DE QUINTA-FEIRA**, pouco antes do recesso escolar de primavera, Seneca Frazier estava sentada de pernas cruzadas na cama do pequeno quarto de alojamento da University of Maryland. Passava das 23 horas, e o alojamento estava silencioso porque todo mundo estava nas festas das fraternidades ou nas casas dos alunos ricos. Estava tocando Tove Lo pelos alto-falantes do laptop dela. Havia caixas fechadas em volta da cama. Ela tinha apagado a luz do quarto, e o brilho da tela deixava sua pele morena com um tom dourado. O perfume que a colega de quarto, Eve, tinha borrifado antes de sair ficava fazendo Seneca espirrar, e as mechas cacheadas presas em seu rabo de cavalo ficavam se soltando e fazendo cócegas na sua bochecha. Mas quando ela viu a postagem que Maddy tinha acabado de escrever na área de bate-papo do Caso Não Encerrado, um fórum de resolução de crimes no qual Seneca era um pouco viciada, esses detalhes irritantes foram esquecidos. Seu olhar se concentrou nas palavras na tela.

***MBM0815: Você conhece esse caso?***

Embaixo havia uma captura de tela de uma postagem escrita horas antes por uma pessoa chamada AKellyReal. O estômago de Seneca deu um nó ao ler o nome no título da discussão: Helena Kelly. *Conheço, Maddy. Decorei todos os detalhes desse caso.*

Mas ela não podia contar isso para Maddy. Ela moveu os dedos sobre o teclado.

**Poderosa:** *Garota rica que sumiu cinco anos atrás? O corpo foi encontrado em um parque?*

**MBM0815:** *É. Aconteceu na minha cidade. Estou pensando em dar uma olhada nisso.*

Seneca puxou o cachecol infinito cheio de bolinhas que estava em seu pescoço e olhou para a captura de tela. A pessoa que postou, AKellyReal, era Aerin Kelly, irmã de Helena? Como Aerin ficou sabendo do Caso Não Encerrado? Talvez da mesma forma que Seneca: sem querer. Ashton, um dos amigos dela da faculdade, com quem ela trocava livros surrados da Agatha Christie, mencionou no refeitório. “Sabia que tem um site em que investigadores amadores resolvem crimes?”, disse ele com animação. “É uma coisa meio videogame, meio *Bones*. Está acabando com meu tempo de estudos.” Seneca fez um movimento de ombros apático e empurrou a mistura de frozen de morango e cereal de chocolate. “Parece legal.” Mas, assim que ficou sozinha, ela correu até o quarto, ligou o laptop e digitou *Caso Não Encerrado* no navegador.

Era fácil perder horas nos fóruns de discussão do CNE. Ela levava o laptop para a aula e fingia estar fazendo anotações, mas na verdade estava avaliando assassinatos e sequestros não solucionados. Alguns dias ela matava aula... os vídeos das aulas ficavam disponíveis online, de qualquer forma. Ela não queria perder nenhum novo desenvolvimento relacionado aos casos. Alguns dos participantes eram idiotas ou só curiosos, mas outros davam contribuições inteligentes e conhecimento prático: MizMaizie trabalhava para a polícia de Seattle. ChifreDeUnicórnio tinha formação em perícia. BGrana60 sempre participava fazendo uma declaração do tipo *Alerta de spoiler: Foi a mãe*. Ele muitas vezes acertava.

Parecia que Seneca tinha sua própria unidade de CSI dentro do computador.

E tinha sua amiga Maddy, ou MBM0815, ou Madison Wright, de Connecticut. No Facebook, Maddy fazia o tipo líder de torcida sorridente, com pele e cabelo oriental perfeitos e uma preferência por rosa, mas as postagens dela no Caso Não Encerrado eram inteligentes e perspicazes. Quando ficaram amigas o suficiente e passaram a conversar pelo Gchat, elas falavam sobre coisas pessoais bobas e inventaram um jogo



em que comparavam pessoas que conheciam com tipos de doce. Seneca tinha admitido muita coisa para Maddy, mas não tudo. Ela nunca contava tudo para *ninguém*, a não ser que fosse necessário.

Uma ideia surgiu em Seneca, e num impulso ela iniciou uma mensagem nova.

***Poderosa:** Ideia maluca. Entro de recesso de primavera a partir de amanhã e vou ficar superentediada. Eu poderia ir até aí visitar você. A gente podia ver essa história da Helena juntas.*

Ela acrescentou um emoji de rosto surpreso e clicou em ENVIAR, depois ficou batendo com as unhas ansiosamente na moldura da cama. Seria incrível encontrar uma nova amiga. Ela tinha um grupo com quem andava na faculdade, mas todos ainda pareciam meros conhecidos.

E Helena Kelly... bem. Esse era o Santo Graal dos casos para ela. Ela estava morrendo de vontade de mergulhar de cabeça nele.

Cinco anos e meio antes, na época em que Helena desapareceu, Seneca assistia ao canal CNN religiosamente. Os noticiários não paravam de falar sobre o caso. Grupos de buscas saíam todos os dias, a cidade toda foi entrevistada e até o governador de Connecticut fez um discurso sobre levar Helena de volta para casa em segurança. No começo, a história provocou repulsa em Seneca, despertando nela uma sensação de vazio, mas com o passar dos meses sem Helena ser encontrada, seus sentimentos começaram a mudar. Quando Seneca via um segmento sobre Helena no noticiário, ela largava tudo para assistir. Leu todos os artigos investigativos sobre Helena mais de uma vez. Xeretou a página memorial e acabou decorando os nomes de todos os amigos dela. Revirou as páginas de Facebook dos familiares durante meses, descobriu que os pais estavam se separando e que a Sra. Kelly estava reativando uma sorveteria na cidade, apoiada pela comunidade de Dexby “no momento de necessidade da família”. Seneca prendeu a respiração e torceu pelo retorno de Helena sã e salva. Entendia que o universo não distribuía finais felizes, mas achava que talvez Helena contradissesse as expectativas.

Mas, quatro anos depois, o corpo de Helena foi encontrado. Seneca presenciou horrorizada a polícia de Dexby admitir que duvidava que fosse descobrir o responsável. *Mas tem tantas outras coisas para investigar!*, ela



pensara. Por que não se esforçaram mais para verificar o álibi do namorado dela? Não podiam mandar mais cachorros ao parque? Todos os momentos da vida de Helena eram conhecidos?

O computador de Seneca emitiu uma notificação. Ela clicou na mensagem.

***MBM0815:** Você deve ser paranormal. Eu estava pensando a mesma coisa. Você pode ficar aqui. O trem Amtrak da linha Metro-North te traz até aqui. Tem uma estação em Dexby.*

Seneca se encostou e esbarrou na caixa fechada com o rótulo *Mistérios A-L*. Seu corpo foi tomado de empolgação, seguida de um tremor de medo. Ela ia mesmo até o fim. Viajaria para o lugar que consumiu seus pensamentos, interrogaria as pessoas sobre quem já sabia tanto. Despertaria um monte de lembranças que passou muito tempo tentando ignorar.

Mas não conseguia deixar de se sentir energizada pelo desafio. Ela sabia mais sobre aquele caso do que a maioria dos policiais que trabalharam nele. Maddy precisava dela. Caramba, Helena precisava dela, e Aerin também. Seneca conseguia visualizar Aerin entrando no Caso Não Encerrado, desesperada por respostas. Talvez, se Seneca descobrisse o mistério, todas as outras coisas na vida dela que estavam girando fora de controle poderiam finalmente encontrar seu lugar. Muito bem, então: ela iria. Descobriria o que aconteceu.

Não resolveria todos os seus problemas. Não solucionaria todos os seus mistérios. Mas era um começo.